

DO ARREPENDIMENTO ENLOUQUECIDO

Ciro Prado Pellegrini Villela

Instituto de Psicologia Fenomenológico Existencial do Rio de Janeiro, Brasil

orcid.org/0009-0006-8690-6170

RESUMO: Neste escrito, que busca edificar aquele que se achega, mergulharemos na forma paralisante e ilusória do arrependimento presente em *O Conceito de Angústia*, de Kierkegaard: o arrependimento enlouquecido. Este arrependimento consiste em nosso vão e decadente costume de brigar contra a vida, supondo que esta deveria e poderia ser diferente do que foi. Ana Prado ilustra dizendo que, em sua horta, ela plantou um pé de se, mas nunca nasceu. Tal arrependimento – aquele que não se converte na liberdade do indivíduo, não podendo anular o pecado, mas somente lamentar por ele – não é capaz de ultrapassar o instante mortal da angústia, fazendo morada neste estado. Ao longo do desenvolvimento restará claro que este hábito provém de não nos deixarmos formar na angústia pela fé. Mas que é a fé? Usualmente a horda se refere à fé como uma convicção de que coisas da vida ocorrerão conforme se deseja. Neste trabalho, todavia, a fé será pensada como um olhar existencial que, no *húmus* do humano, se afina com a própria realidade. Nesta fé – caminho transcendente do desesperado para a liberdade do perdão (travessia da doação) –, há a desistência de uma existência viciada na plantação de pés que não nascem. Isto é, abandonando a interpretação lamentosa para com o passado e o presente, bem como desistindo de temermos o futuro, é que podemos saltar para uma reexistência que decide acolher incondicionalmente (e com gosto) a existência. Aqui, então, atravessaremos este caminho do indivíduo desde o arrependimento enlouquecido até a *metanoia* (verdadeiro arrependimento).

PALAVRAS-CHAVE: Kierkegaard. Fé. Possibilidade ideal. Angústia. Angústia mortal.

ABOUT THE MADDENED REPENTANCE

ABSTRACT: In this paper which aims to edify those who approach, we will submerge into the paralyzing and illusory form of the repentance present in *The Concept of Anxiety*, by Kierkegaard: the maddened repentance. This repentance consists of our vain and decadent habit of fighting against life by supposing that it should and could be different from what it was. Ana Prado illustrate by saying that, in her garden she planted an if seed, but it never grew. Such repentance – one that does not turns into the individual's freedom, not being able to annul sin, but only mourn for it – is not capable of overcoming the mortal moment of the Anguish, making residence in this state. Through the development it will become clear that habit comes from not letting ourselves be formed in anguish by faith. But what is the faith? Usually the horde refers to faith as a conviction that things in the life will turn out as desired. However, in this work, the faith will thought of as an existential outlook, that in human humus, is in tune with the reality itself. In this faith – transcendent way from desperate to the forgiveness (crossing of giving) – we have the surrender of an existence addicted to plant seeds that don't grow. In other words,

abandoning the regretful interpretation towards the past and present, as well as relinquishing the fear of the future, we can leap into a re-existence that decides welcome existence unconditionally (and with pleasure). Here, then, we will traverse this path of the individual from the maddened repentance to metanoia (true repentance).

KEYWORDS: Kierkegaard. Faith. Ideal Possibility. Anguish. Mortal Anguish.

INTRODUÇÃO

Na minha hortinha uma vez eu plantei um pé de se, mas nunca nasceu
(Prado, comunicação pessoal, sem ano definido)

Frase ouvida ainda na infância, cuja essência se pode experienciar apenas após tornar-se uma pessoa de alma já *formada* (Lispector, 1964, p. 5) – tal compreensão talvez seja uma tarefa para toda a vida, ou melhor, a tarefa das tarefas –, a epígrafe dará o tom da reflexão que daqui em diante faremos acerca da psicologia do “pé de se” (possibilidade ideal) presente em *O Conceito de Angústia*, escrito por Søren Aabye Kierkegaard através do pseudônimo Vigilius Haufniensis. Outrossim, o presente texto não será uma explanação erudita e comprovada por meio de referências literárias (Kierkegaard, 2015, p. 60) – quando, assim for, será por fraqueza. Porém, no espírito da simplicidade do mestre Caeiro, este escrito somente quer explicar um saber que, conforme sua raiz latina *sabidus*, é sabor.

Mas no que consiste esta psicologia da possibilidade ideal? Consiste no nosso vão e decadente costume de brigar contra a vida ao supormos que esta poderia, ou deveria, ser diferente do que é. Tal idealização lamentosa – um vão esforço mental em busca de tentar corrigir a realidade que, na prática, torna-se somente uma tentativa de fuga desta – se manifesta como o res-sentimento que faz o homem empacar em um *arrependimento enlouquecido*, ou seja, um arrependimento sem *metanoia* (palavra grega para arrependimento, indicando mudança de mente).

No presente escrito, será dada ênfase em uma forma de manifestação dessa psicologia que se relaciona com passado, justamente o arrependimento enlouquecido (Idem, p. 125) – as outras duas modalidades serão tratadas em momento oportuno. Tal fenômeno se manifesta quando, iludido pela engenhosa arte sofisticada da angústia (Idem, pp. 122-123), o indivíduo lida com aquilo que já passou como se possibilidade ainda fosse e, em vez de se deixar formar, idealiza uma possibilidade *fora da vida*. Tal individualidade, ao perder o poder de contentamento, não consegue mais afinar-se consigo mesma, portanto, passa a andar em

descompasso com aquilo que em sua vida é realidade para abraçar e embaraçar-se nos laços das ilusões. Este homem, como diz Anti-climacus, perdeu-se em um desesperado anseio de ser um outro que não ele mesmo – fórmula de todo desespero (Kierkegaard, 2022, p. 51). No mesmo espírito, segue a reflexão de Montaigne, pensador francês do século XVI:

Não cabe propriamente arrependimento pelas coisas que não estão em nosso poder, assim como não cabem as saudades. Imagino infinitas naturezas mais elevadas e mais ponderadas do que a minha; mas com isso não melhora as minhas faculdades, assim como o meu braço e o meu espírito não ficam mais vigorosos só porque eu os conceba diferentemente do que são (Montaigne *apud* Abbagnano, 2007, p. 81).

Ora, a pergunta que se impõe é: como o arrependimento enlouquecido pode se converter em *arrependimento para vida*? Nas próximas linhas restará claro que, ao fim e ao cabo, este nosso perene e vaidoso *hábito* de plantar pés de se provém de não nos deixarmos formar pela angústia em *fé*, conforme afirma Haufniensis:

A única coisa que em verdade consegue desarmar os sofismas do arrependimento é a fé, a coragem de crer que o próprio estado é um novo pecado, a coragem de renunciar sem angústia à angústia, o que só a fé consegue, sem que, contudo, com isso elimine a angústia, mas, ela mesma sempre eternamente jovem, desvencilha-se do instante mortal da angústia. Disto só a fé é capaz. Pois só na fé a síntese é possível, eternamente e a cada momento (Kierkegaard, 2015, p. 127).

Mas que é a fé? Usualmente, a horda se refere à fé como uma convicção de que, de alguma forma, coisas da vida ocorrerão conforme tal convicto deseja, sendo o Deus uma espécie de gênio da lâmpada, disponível para conceder não apenas três desejos, mas uma infinidade deles. Em verdade, naturezas um pouco mais profundas (Idem, p. 125) tendem para uma espiritualidade que se relaciona com um Deus “papai noel”, quer dizer, com uma divindade que irá presentear o indivíduo de bom comportamento e punir o mau comportado (Idem, p. 113). Entretanto, vamos aqui defender a fé como um olhar existencial que se afina com a própria realidade, ou melhor, como uma atitude para com a vida que não insiste em plantar aquilo que não nasce.

Finalmente, em um escrever que busca edificar, fica já posta sua pretensiosa pretensão, qual seja, entrar no santo dos santos do coração humano. É evidente que, para tanto, foram retiradas as sandálias de seus pés a fim de tocar naquela que, provavelmente, é a questão central no sofrimento psicológico na humanidade. E qual seria essa? Como disse Felipe a Natanael acerca do Caminho: “vem e vê” (Jo 1:46 em Bíblia de Jerusalém, 2022).

I

Aquele que se propõe a uma investigação precisa, para realizar sua tarefa, adentrar este *vestigium* que per-següe. Ora, se a presente obra pretende habitar o *pathos* do Arrependimento Enlouquecido, precisa falar do arrependimento enlouquecido para o seu leitor. Mas o que seria, então, neste caso, falar de algo? Antes de responder, faz-se necessário explicar a diferença entre falar sobre e falar de algo. Como diz Hermógenes Harada falar “sobre” é falar de fora. Já falar “de” pode indicar tanto um falar sobre como um falar propriamente de algo. E este último é um falar desde dentro, ou seja, discursar “do” objeto. Não como quem tem diante de si, mas, por assim dizer, atrás de si, o objeto envolvido, acossado, entusiasmado (*entheos*), possuído, lançando juntamente com o lançado, qual seja, o ob-jectum. Logo, a ambiguidade é que falar em diálogo sobre o arrependimento, isto é, com apropriação, é estar dentro do arrependimento. Mas, para poder ver o que está atrás, o que me move, não há outro meio senão caminhar – falar-sobre – e, neste caminho, dentro dele, captar este *logos*, quero dizer, auscultar a presença de uma estrutura originária. Portanto, sabendo que o falar se fundamenta do falar sobre, haverá sempre um jogo de ambiguidade, o que no falar sobre nos insinua um falar a partir de (Harada,1970, pp. 7-9). Então, habitando não apenas à margem da angústia, mas também angustiados pela angústia, estaremos pensando uma angústia que é desespero ou, para Vigilius Haufniensis, *Angústia mortal*. Contudo, neste caminho, acompanharemos a travessia do indivíduo mortalmente angustiado até a *metanoia*, ou melhor, até o salto.

Toda gente entende que, quem fala de algo, discorre acerca deste algo, isto é, habita as cercanias. Contudo, a presente investigação de-cide romper com esta tradição e – abandonando as garantias e seguranças oferecidas por aqueles que fazem morada ao derredor (I Pedro 5:8 em Bíblia de Jerusalém, 2022) deste mortalmente angustiado em questão, qual seja, o enlouquecidamente arrependido – se despoja da armadura de Saul, e escolhe a imprudência do afundamento, do mergulho – do salto –, neste *hades* dos espíritos em prisão em diálogo com Cristo:

Entendo que faz parte errar. Mas eu não gosto de errar, porque o erro me traz vergonha, arrependimento e culpa. E me faz ser um flagrante diante de mim mesmo. E me faz me saber um flagrante diante dos outros. Porém, o que me consola, é que sou um flagrante diante de Deus. O Deus que tudo vê, sabe. Ele apenas sabe. E está tudo bem. E quando penso que não posso errar, sinto o hálito da graça. Sinto como se estivesse abraçando o próprio Cristo. Por um momento, é como se aquilo que é, fosse exatamente o que precisa ser com toda a minha ignorância, arrogância, petulância,

preguiça, malícia, mentira. Eu sei, que sou perdoado. E eu sei, que tudo é como precisa ser (Prado, comunicação pessoal, sem ano definido)

II

Tanto na crônica de autoria própria – ou espasmo – acima quanto no trecho retirado de *O Conceito de Angústia*, a fé aparece como a única possibilidade de uma transcendência do estado de culpa (Kierkegaard, 2015, p. 127) para a liberdade do per-dão (travessia da doação). Ora, é justamente através da de-sistência de uma existência sequestrada pelo vício na plantação de pés que não nascem, isto é, quando abandonamos o olhar lamentoso para com o passado e o presente, bem como na desistência de temermos o futuro, é que podemos saltar para uma re-existência que de-cide acolher com gosto a vida de maneira incondicional – porque assim seria mesmo se não se gostasse (Pessoa, 2013, p. 115). É o que deseja Nietzsche em seu aforismo para o ano novo: se tornar alguém que sempre diz sim ao aprender a ver o necessário das coisas como sendo o belo, então, sendo um daqueles que tornam as coisas belas: *amor fati* (do latim, amor ao destino) (Nietzsche, 2012, p. 166)]:

[...] chegar a ser o que se é supõe que não se duvide minimamente do que se é. Neste sentido, até os desacertos da vida têm seu sentido e valor próprios [...] Por nada neste mundo quero que as coisas sejam diferentes do que são. De minha parte não quero tornar-me outro. E assim sempre vivi. Nunca tive qualquer desejo. [...] Minha fórmula para expressar a grandeza no homem é *amor fati*: que ninguém queira nada de diferente nem no passado nem no futuro nem por toda eternidade. Não suportar a necessidade somente, e muito menos dissimulá-la - todo idealismo é mentira diante da necessidade - mas amá-la (Nietzsche, 2021, p. 42, p. 43 e p. 44).

Geralmente, é nesta hora que o incauto, com incrível facilidade, nos acusa de fazer a apologia de uma resignação que é passividade para com a vida. Contudo, evocando a sabedoria da Oração da Serenidade (atribuída frequentemente pela tradição à São Francisco de Assis) como uma exclamação que carrega o vigor desta ideia, podemos, então, demarcar um limite para os avanços da estultícia: “senhor, dai-me forças para mudar o que pode ser mudado, resignação para aceitar o que não pode ser mudado, e sabedoria para distinguir uma coisa da outra”.

Neste olhar luminoso (Mt 6:22-23 em Bíblia de Jerusalém, 2022) onde o indivíduo conquista para si a própria alma (vida), há uma conseqüente perda do mundo (Kierkegaard, 2007, p. 17), pois, a partir daí, tal existente nega-se a si mesmo – nega seu eu exterior que

gravita em torno das articulações de imagem e poder deste mundo – para, assim, adentrar no *próprio* movimento de rotação da vida. Como diria Paulo de Tarso, este indivíduo ultrapassa a meninice existencial (I Cor 13:11 em Bíblia de Jerusalém, 2022) e toma como graça, como alegrativo (Kierkegaard, 2018, p. 163), ao passar por provações, por ser este o caminho que perfaz (Tg 1:2-8 em Bíblia de Jerusalém, 2022). Portanto, diz o provérbio popular: a prática leva à perfeição. A voz da vida, porém, vos diz: a prática do vosso possível é a própria perfeição. Ora, acaso alguém conhece tal sujeito que, após muito praticar, chegou ao ponto de inerrância? Pois bem, aproveitando o étimo oriundo do latim, falo da perfeição como aquilo que atravessa o fazer, ou seja, a prática (que aperfeiçoa). Ou dobrando a aposta: porventura, a falha não faz parte da experiência do praticar? Portanto a falha, aquilo que nos humaniza, integra a nossa perfeição. Há cerca de um século atrás, Herman Hesse, em *Sidarta*, havia corroborado:

O mundo, amigo Govinda, não é imperfeito e não se encaminha lentamente à perfeição. Não! A cada instante é perfeito. Todo e qualquer pecado já traz em si a graça. Em todas as criancinhas já existe o ancião. Nos lactentes já se esconde a morte, como em todos os moribundos há vida eterna (Hesse, 1975, p. 115).

Então, o arrependimento que não suporta a própria falha (ou o seu próprio na falha), ou melhor, que não se apropria da falha, é um arrependimento enlouquecido, pois, de alguma forma, a consciência foi cauterizada em uma ilusão que chega ao ponto de acolher um (falso) caminho da perfeição que estaria fora da tribulação (Kierkegaard, 2018, p. 163), conforme ironizado pelo dinamarquês no trecho abaixo:

O caminho para a perfeição antigamente era estreito e solitário, a jornada sempre inquietada por pistas falsas, exposta à rapinagem do pecado, perseguida pela flecha do passado, tão perigosa como a das hordas dos citas; atualmente, viaja-se rumo à perfeição de trem, em boa companhia, e a gente chega lá sem nem se dar conta (Kierkegaard, 2015, p. 127).

III

No Caput IV de *O Conceito de Angústia*, denominado “Angústia do pecado ou angústia como consequência do pecado”, Kierkegaard explica que apesar de o pecado posto ser uma realidade efetiva e, portanto, uma possibilidade anulada (por uma escolha já realizada), a angústia – que é o mostrar da liberdade para si mesma na possibilidade – não é abolida. Isso se justifica porque, além de a realidade efetiva se dar em constante *devir*, quer dizer, não se tratar de um instante único (e, neste ponto, é interessante observar o quão cômicos se tornam os

muitos que em vão a congelam como se a vida fosse retrato em vez de filme), esta realidade efetivada – que é a realidade do pecado posto – é uma realidade inadequada. Portanto, a angústia então retorna tanto em relação à possibilidade de pecar novamente quanto no tocante ao estado que foi posto através do salto qualitativo no qual o pecado entrou e sempre entra (Kierkegaard, 2015, p. 121).

Ora, encontrando-se em um estado que, agora, é oposto ao da inocência, justamente pelo fato de a diferença entre o bem e o mal estar colocada *in concreto*, o nada com o qual a angústia lidava passou a ser algo efetivo. A angústia perdeu, aí, sua ambiguidade dialética (Ibidem).

No primeiro parágrafo do Caput supracitado, chamado *Angústia diante do Mal*, Kierkegaard descreve 3 formas da angústia se relacionar com o pecado posto. Primeiro (a), a angústia entra na busca do indivíduo em, por si só, anular esta realidade injustificada (o pecado posto). Tal exercício se dará como uma luta pela negação, estabelecendo com a realidade uma função antitética em um diálogo que jamais consegue completar sua síntese, pois, se por um lado, a poderosa retórica da angústia se debate contra a realidade do pecado, por outro, esta realidade convoca o indivíduo para sua condição (Idem, pp. 122-123). Em (b), a angústia tem seu campo de entrada na possibilidade de o indivíduo agravar seu estado. Neste caso, quando a angústia cede, significa que um certo cinismo existencial diante do pecado foi adotado. Portanto, na medida em que é bem-sucedido no afrouxamento da angústia, a consequência do pecado vence, pois tal individualidade vai se tornando desprovida de espírito, de profundidade. Acontece que o indivíduo até quer banir a realidade do pecado, mas não completamente. A arte sofisticada da angústia leva o sujeito a flertar com uma lida quantitativa com o pecado, iludindo-se de que se trata deste ou daquele ponto, mas não quer fazer rupturas, amputações, isto é, não quer fazer o salto qualitativo da *metanoia*. Nesta individualidade o pecado conquistou um certo conforto, um direito de habitação (Idem, p. 123). Ou seja, é algo que pode ter, no máximo, aparência de arrependimento, mas não o é. É raríssimo ver, ensina Haufniensis, a consciência do pecado formada com a devida profundidade e seriedade que o arrependimento exige. Contudo, esta raridade não se dá em virtude desta capacidade ser como um dom que poucos possuem (Idem, p. 124), mas sim pelo fato de serem poucos os homens que – *pela fé* – decidem (e permanecem decidindo) renunciar ao mundo e fazer a viagem de *adquirir sua alma na paciência* (Kierkegaard, 2007, p. 9). Em (c), a realidade do pecado é manifesta ao indivíduo através do arrependimento, mas o arrependimento não se transfigura em retorno ao bem. A angústia, neste caso, cumpre o papel de lamentar pelo pecado. Agora, a angústia perdeu sua

força libertadora, pois, paralisada no arrependimento, sente que pôs tudo a perder, está condenada, com a vida perdida. O arrependimento enlouqueceu (Kierkegaard, 2015 pp. 125-126).

IV

O enlouquecidamente arrependido, além de não poder errar, tem medo de errar, pois encontra-se em um autopenitenciado estado de des-graça. Errante, sente-se perdido do reencaminho pro-vocado pelo arrependimento. Preso ainda em seu sentido latino (*repenitere*, advento de *poeniteo*) – que indica pesar, insatisfação, descontentamento –, faz morada na plantação de pés de se, e ocupa-se de um permanente exercício de correção imaginária do que a vida foi, é, e será, justamente por seu descontentamento com sua realidade. Sequestrado pelo ressentimento, o indivíduo ainda não alcançou o sentido grego do arrependimento – o verdadeiro arrependimento (Idem, p. 126), pois tornou-se prisioneiro da consequência do pecado, a morte. Mortificado, não pode *se tornar*, ou melhor, não pode viver a morte criadora, morte fundante, pois, ainda empacado, está distraído na infecunda faina da exumação – movimento de retirada de um corpo de seu *húmus* – de seu cadáver na primeira morte, isto é, estado de culpa retroalimentada pelo descontentamento. Ainda em luta contra aquilo que já foi, tal indivíduo impede o *kairós* que transfiguraria sua retenção dispéptica em adubo, em *húmus* que hum-aniza sua existência, que traz a hum-ildade para aprender que o re-conhecimento deste pecado – sua imperfeita perfeição – é o que plasma, forma o coração do ensinável – humilde – discípulo da disciplina da escola da angústia, da possibilidade (Idem, p. 170). Ora, a escola (do grego *scholé*, lugar do ócio) da angústia é justamente o lugar existencial de formação do espírito, isto é, local da prática de exercícios espirituais (Idem, p. 171). No acolhimento em fé – certeza interior que antecipa as infinitas possibilidades (Hegel *apud* Kierkegaard, 2015, p. 170) – de sua ambivalência, a liberdade encontra o peso do real, perfeita medida de resistência contra as ilusões. Ou seja, pela fé a angústia passa de doença mortal na inadequação para força motriz de salvação na apropriação, pois, a partir deste exercício, o espírito do indivíduo ganha, por assim dizer, musculatura. O coração humano vai se afofando pela aquisição deste *húmus* que umi-difica, isto é, lubrifica, transfigura a eloquente retórica do impenetrável desesperado para o silêncio da auscultação (Kierkegaard, 2015, p. 126). Este que estava tomado de *autocompaixão* já torna-se, em boa terra, semeável e frutificável. Aquele que se proibia de ouvir

o tocar da música da vida, agora pode auscultar a (facilmente) abafável voz do divino ciclo suave da liberdade. O que estava amargo, pela fé, converte seu desânimo em bom ânimo, sua condenação em liberdade. O que era ressentido com seu passado, salta para o olhar generoso do *perdão*. Pela fé, o discípulo da escola da angústia, desistindo da luta contra a vida, quer dizer, renunciando sem angústia à angústia, utiliza o estreitamento da angústia em seu favor, para formação. Enfim, esta força própria do humano, o *húmus*, além de produzir a santa humilhação do que a si mesmo tratava como quem tinha um nome a zelar (e por isto não podia pecar e ser perdoado), de um-idificar o *húmus*, a terra que é o humano, concede-lhe, agora sim, o agradável (ou seja, o que pode ser agradado) hum-or dos que entram no maduro estado de criação dos criadores dos novos valores. Nesta metamorfose do espírito, ensina Zaratustra, o humilde move-se no bem (liberdade) e na re-cordação do esquecimento, na originalidade da eternidade dos novos começos. Desistiu do jogo do mundo, entrou na dança da vida, sua rotação agora, amparada apenas pelo Absoluto, é uma roda que gira sobre si mesma, é sempre um primeiro movimento; trocou o não pelo *sagrado Sim*. Necessário para o jogo da vida, da criação, o sagrado Sim daquele que não mais nega – tampouco afirma –, mas acolhe a boa semente, semente da vida, rompeu com a roda das exterioridades para deixar crescer em si o seu mundo (Nietzsche, 2012, pp. 32-33). É o que ensina o outro porta-voz de vida, arquetípico, predecessor de Zaratustra, em sua parábola do semeador:

⁵O semeador saiu a semear sua semente. Ao semeá-la, uma parte da semente caiu ao longo do caminho, foi pisada e as aves do céu a comeram. ⁶Outra parte caiu sobre a pedra e, tendo germinado, secou por falta de umidade. ⁷Outra caiu no meio dos espinhos, e os espinhos, nascendo com ela, abafaram-na. ⁸Outra parte, finalmente, caiu em terra fértil, germinou e deu fruto ao cêntuplo”. E, dizendo isso, exclamava: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!” ⁹Seus discípulos perguntavam-lhe o que significaria tal parábola. ¹⁰Ele respondeu: “A vós foi dado conhecer os mistérios do Reino de Deus; aos outros, porém, em parábolas, a fim de que vejam sem ver e ouçam sem entender. ¹¹Eis, pois, o que significa essa parábola: A semente é a palavra de Deus. ¹²Os que estão ao longo do caminho são os que ouvem, mas depois vem o diabo e arrebatam-lhes a Palavra do coração, para que não creiam e não sejam salvos. ¹³Os que estão sobre a pedra são os que, ao ouvirem, acolhem a Palavra com alegria, mas não têm raízes, pois creem apenas por um momento e na hora da tentação desistem. ¹⁴Aquilo que caiu nos espinhos são os que ouviram, mas, caminhando sob o peso dos cuidados, da riqueza e dos prazeres da vida, ficam sufocados e não chegam à maturidade. ¹⁵O que está em terra boa são os que, tendo ouvido a Palavra com coração nobre e generoso, conservam-na e produzem fruto pela perseverança (Lc 8:5-15 em Bíblia de Jerusalém, 2022).

Ora, o arrependimento infundamenta a existência para uma reexistência sem fundamento. E tal morte fundante é morte para vida, ou seja, não poder morrê-la é não poder

fundar – regenerar – o próprio viver na possibilidade inventada pela morte do antigo, que já não mais existe. Ora, no arrependimento enlouquecido há o reconhecimento da vereda atual como inadequada, contudo, o indivíduo se sente incapaz da conversão de caminhos. É como se fosse impossível abandonar sua formação atual – que o está formando para a morte – para uma transformação que o forme para a vida. Aqui, não há liberdade para transição – renovo – de mundos. Só aquele que é capaz de acolher a dor do reconhecimento deste mal como um bem para renascimento, quero dizer, quando se é capaz de crucificar a própria dor como o sacro-ofício criador da existência – transfiguração da morte na explosão de um *big bang* que eclode para criação/expansão do mundo –, se pode trans-formar. Isto é, bem como Deus precisou morrer *para* a fundação do mundo, bem como o Cordeiro de Deus foi imolado (haja cruz) – o Cristo Eterno, não o homem Jesus, *desde e para* (Ap 13:8 em Bíblia de Jerusalém, 2022) o “haja luz” (Gn 1:3 em Bíblia de Jerusalém, 2022) –, todo outrar-se se faz desde acolhimento (como graça) do *húmus* da humilhação de um eu (*ego*) – fundamento atual – até o necessário perder-se (morrer-se) deste narcisismo que é o princípio das dores da natividade do *eu profundo*. Tal indivíduo que não pode morrer impede, justamente, a força criadora do arrependimento, aquela que, pela cruz, con-verte o não no supracitado sagrado Sim. Em outras palavras, é no *kairós* da travessia do arrependimento o *instante* criador do novo mundo, da nova mente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para mais, o arrependimento enlouquecido – aquele que não se converte na liberdade do indivíduo – não pode anular o pecado, mas só pode lamentar por ele (Kierkegaard, 2015, p. 125) não ser capaz de transcender o supracitado instante mortal da angústia e, em vez de pacientar-se no adquirir da própria alma, faz morada no arrependimento que não conhece o amor que cobre uma multidão de pecados (Kierkegaard, 2013a, p. 316), e, destarte, não liberta o indivíduo, não conhece o perdão. Por conseguinte, como diz o pseudônimo A no texto da rotação das culturas, tal indivíduo não é versado na arte de recordar (trazer o velho como novo ao coração) e de esquecer, ficando enalhado nalguma circunstância particular da vida (Kierkegaard, 2013b, p. 328) ou, como diz Nietzsche na sua *Genealogia da Moral* – sobre o homem do ressentimento –, é o dispéptico com sua imensa dificuldade na digestão (Nietzsche, 2009 p. 48).

Finalmente, isto nos retorna ao fenômeno interessante que é a nossa dificuldade em perceber a vida como filme, estagnando-nos no retrato do momento. Com isto, digo que a arte sofisticada (Kierkegaard, 2015, p. 122) dos cuidados deste mundo (Mc 4:19 em Bíblia de Jerusalém, 2022) sempre nos leva a crer que o que está em jogo na vida são vitórias ou derrotas no cotidiano, “se dar bem” ou “se dar mal”. Contudo, uma visão menos embaçada percebe quão pequenas ficam, no filme da vida, tais questões do cotidiano pelas quais nos desesperamos e que, muitas vezes, fazem um dia aparecer como mau ou bom aos nossos olhos. Não obstante, aquele que pode enxergar a vida como filme percebe que, no fim das contas, o que importa é o humano que nós vamos nos tornando. Ou, como diz Martin Buber: “fez algo de errado? Faça algo certo para enfrentá-lo” (2011, p. 40). Em suma, não nos é possível modificar o passado – e é bom que assim seja – mas, sempre, sempre, poderemos viver melhor de agora em diante.

REFERÊNCIAS:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5º ed. Trad.: Alfredo Bossi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BÍBLIA DE JERUSALÉM: Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução das introduções e notas de *La Bible de Jérusalem*, edição de 1998, publicada sob a direção da “École biblique de Jérusalem.” Edição em língua francesa / Les Éditions Du Cerf, Paris, 1998, ed. revisada e ampliada. 1ª edição, 2013 / 5ª reimpressão, 2022.

BUBER, Martin. *O Caminho do homem segundo o ensinamento chassídico*. É Realizações: São Paulo SP, 2011.

HARADA, Hermógenes. *Verdade e Liberdade / Seminário: Da essência da verdade*. Martin Heidegger. 2º semestre de 1970.

HESSE, Hermann. *Sidarta*. Trad.: Herbert Caro. 16º ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1975.

KIERKEGAARD, Soren. *A doença para morte*. Trad.: Jonas Roos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

_____. *As Obras do Amor*. 4º ed. Trad.: Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a (Coleção *Pensamento Humano*).

_____. *Ou – Ou: Um Fragmento de Vida* (Primeira Parte). Trad.: Elisabete M. de Sousa. Relógio D`Água Editores, 2013b.

_____. *Adquirir a sua Alma na Paciência, dos quatro discursos edificantes*. Trad: LISBOA, N. Ferro e M. Jorge de Carvalho. Edição 1094: 2007.

_____. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário*. Trad.: Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. *Discursos edificantes em diversos espíritos – 1847*. Trad.: Álvaro L. M. Valls e Else Hagelund. São Paulo: LiberArs, 2018.

LISPECTOR, Clarice. EDITORA DO AUTOR - Av. Nilo Peçanha, 155 - Gr. 207 - “EDAUTOR” - Rio de Janeiro. Copyright by Clarice Lispector. Rio, 1964.

PESSOA, Fernando. 1888-1935. *Poemas Completos de Alberto Caeiro / Fernando Pessoa*; [organização Carlos Felipe Moisés]. 2º ed. São Paulo: Ática, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhem, 1844- 1900. *A gaia ciência*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Genealogia da Moral, Uma polêmica*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Ecce homo: como se chega a ser o que se é / Braga*. São Paulo: Lafonte, 2021.

PRADO, Ana Maria Ferreira, (s.d.), Comunicação Pessoal.

I – INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR

Ciro Prado Pellegrini Villela

Psicólogo e Psicoterapeuta fenomenológico-existencial, coordenador do grupo de pesquisa Margem Kierkegaardiana do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial – LAFEPE/UERJ. É especialista em Filosofia (UNESA). Possui formação e especialização concluídas em psicologia clínica na perspectiva fenomenológico-existencial (IFEN). Nos últimos anos se dedicou, em grupos de estudos, à leitura de Kierkegaard, Martin Buber, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Nietzsche, Heidegger e Fernando Pessoa. Tem, também, interesse singular na Filosofia como modo de vida, em psicologia analítica, nas literaturas brasileira e russa, nos filósofos da *physis*, *mitogonia* ameríndia, mitologia grega, literatura mística oriental e ocidental, textos sagrados e na produção de crônicas e contos. E-mail: ciroppv@gmail.com



Do arrependimento enlouquecido

(Ensaio)

VILLELA, C. P. P.

II – INFORMAÇÕES SOBRE O ARTIGO

Recebido em: 03 de fevereiro de 2024

Aprovado em: 19 de fevereiro de 2024

Publicado em: 30 de março de 2024